

# O ROMANCE DA VIDA SOCIAL: ENCONTROS ENTRE CIÊNCIAS SOCIAIS E LITERATURA

---

*Cristina Maria da Silva<sup>1</sup>*

Que é a vida? Perguntamos, debruçados no portão da granja. Vida, vida, vida, grita o pássaro, como se tivesse ouvido e soubesse precisamente o que queremos dizer, como este maçante hábito de fazermos perguntas dentro e fora de casa, e vai piando e picando margaridas, como fazem os escritores quando não sabem o que hão de dizer em seguida. (...) voltemos para trás, e digamos ao leitor que ansiosamente espera ouvir o que é a vida: - ai de nós, não o sabemos.

*Virgínia Woolf (2003, p. 180)*

**RESUMO:** Tanto o romancista quanto o teórico procuram perceber os elementos essenciais que marcam as relações humanas para transformar em escrita. Através da idéia de pensar um romance da vida social, procuramos uma aproximação com as relações de dominação da ordem social e cultural e as resistências presentes nas ações humanas. Por meio da interação entre as ciências sociais e o saber literário buscamos questionar nossas produções de conhecimento e também encontrar novos caminhos para nosso trabalho de pesquisa, para a maneira o fazemos.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance da vida social, ciências sociais e literatura.

Escrever talvez seja como pintar uma tela. Assim como as imagens existem nas paisagens ou nas mentes imaginantes, as palavras também estão soltas, pairam diante de nossos olhares, mas, por uma inspiração ou uma *vocação*, reorganizamo-las de uma outra forma

---

<sup>1</sup> Socióloga (UECE). Mestre em Ciências Sociais - UFRN. Doutoranda em Ciências Sociais - Unicamp. A presente discussão faz parte de nossas reflexões durante o Mestrado em Ciências Sociais e de nossa atual pesquisa: O Romance da Socialidade: Ciências Sociais e Literatura na Compreensão Social, IFCH - Unicamp/Financiamento CNPq.

dando-lhes vida e encantamento. A escrita reúne tudo o que vimos e ouvimos e nos permite esboçar, através de nossas leituras ou viagens do olhar, jardins repletos de aromas e cores sensualizando o pensamento, misturando as tintas do que aparece na realidade de maneira harmônica e conflitual.

Se o romance para a literatura insinua um mundo no qual o homem solitário se debate em sua condição humana, expondo suas fragilidades e conflitos, a vida social, para os cientistas sociais, é onde se desdobram os múltiplos sentidos dados pelas ações. Tanto o romancista quanto o teórico procuram perceber os elementos essenciais que marcam essas relações para transformar em escrita.

No romance da vida social, esboçam-se as relações instituídas (sociabilidade/ *sociabilité*) e as resistências subterrâneas do instituinte (socialidade/ *socialité*). Ainda que estejam entrecruzadas, elas têm nas ações humanas diferentes dimensões semânticas. Tratam-se de expressões presentes na obra de Michel Maffesoli como uma maneira de exprimir a harmonia conflitual que pontua o tecido social. A sociabilidade é vista como as relações instituídas pela dominação e a ordem sócio-cultural, que imprime nos sujeitos papéis e convenções, e a socialidade como a ação criadora e subversiva dos atores sociais diante desses ordenamentos.

O estar-junto humano é perpassado pelas inscrições da dominação e da ordem, como também por resistências e anomias. Esse caráter relacional implica que existem práticas e relações de poder que se disseminam em pontos transitórios da estrutura social. Buscamos acompanhar o romance da vida social, por meio da “prosa da realidade”, aproximando num mesmo tecido as linhas da prosa científica e a narrativa literária para uma maior compreensão das narrativas humanas.

### **As dessacralizações literárias**

As performances da literatura na contemporaneidade têm revisado o modo de se ler e escrever na produção literária, bem como de reinterpretar o que já foi escrito. Inspiram-nos a dessacralizar a autoria e o papel do narrador ou do escritor, pois os vêem atravessados por inúmeros rostos, como diria Guimarães Rosa, com “tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado”. (ROSA,

2001, p. 200). Tal postura nos impulsiona a tentar construir uma narrativa científica permeada por nomadismos e vagabundagens intelectuais, fazendo do texto não um arquivo morto e sim um movimento delirante num corpo de palavras. Mobilidade muitas vezes nem sequer conhecida ou muitas vezes simplesmente ignorada por olhos impregnados de racionalismos.

Uma abertura diante das obras e dos autores, sejam literários ou teóricos, fazem-nos contestar as “correntes” de pensamento que os encarceraram em escolas ou em modelos representacionais, não permitindo uma leitura de suas diferenças, mas somente as suas ausências diante de um modelo ou o ocultamento de suas nuances.

A literatura elaborada por autores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, João Gilberto Noll, Hilda Hilst, Silviano Santiago, entre outros, pode até estar nos retirando da “fantasia solar” de um tempo, no qual se tenta definir lugares e atribuições para os sujeitos. Entretanto, o embate diante dos encarceramentos sociais é uma preocupação que perpassa a atividade do escritor. Assim, mesmo em épocas diversas, os escritores, sejam os literários ou os cientistas, estão exercendo o seu ofício lidando com a mesma matéria-prima: o ser humano. São atravessados por um profundo desamparo ou o mal-estar que se define num “luto de origens”, ou seja, um questionamento dos espaços e das limitações que os cercam, uma angústia que cerca o olhar e a busca pelas palavras. Aquele que narra, quem é envolvido no relato e o que se fala são postos em xeque. Não se constrói mais uma narrativa em nome de um pretenso discurso fundador, trata-se antes de uma “escrita desastre” na qual não há um corpo épico para se estabelecer, mas um corpo dilacerado diante das chamadas do que seja *demasiadamente humano*. Cai a “aura da unidade nacional, enquanto totalidade distante, coerente e contínua”, (SOUZA, 2001, p. 89) para entre fragmentos se constituir o humano.

O Grande Sertão da vida surge, nas tintas desses autores, reunindo o arcaico e os neologismos, o inédito e o já dito. Nele reside a “confusão em demasiado sossego” (ROSA, 2001, p. 470). Dessa maneira, somente uma leitura e uma escrita que busque uma “barroquização do mundo”, ou seja, o mundo em suas dobras, veredas, astúcias e teatralidades, poderá seguir os rastros dessa caligrafia errante da sociedade contemporânea.

Com a perspectiva de uma literatura transgressora temos apren-

dido a fazer releituras do que apreendemos teoricamente, como também lançar olhares mais livres sobre as escrituras literárias. Pensar qualquer narrativa nesta perspectiva pode nos levar a refazer paisagens individuais e culturais através de uma abordagem “translúcida, fugidia, ubíqua”, (RAVETTI, 2003, p. 32), trabalhada nos espaços da repetição de ausências e de escolhas, que fazem parte do itinerário de dar rosto e corpo ao conhecimento ao qual nos dedicamos. Também nos desviamos das sacralizações da escrita, bem como questionamos as limitações da língua.

A crítica literária também tem se (des) centralizado na contemporaneidade. “Não mais se busca a voz autoritária daquele especialista capaz de proferir a última e abarcante palavra interpretativa, mas antes, aquela que fará circular o discurso sobre a literatura”. (CURY, 1995, p.53). A crítica então, se tomarmos isso para as ciências sociais, toma uma postura tão movediça quanto os “lugares moventes” dos sujeitos e suas mediações. Uma visão arqueológica perpassa os textos e os vê não como “documentos”, e sim busca antes a “presentificação” do texto em suas (des) continuidades e autonomia. Passos que se dão silenciosamente enquanto viramos as páginas dos textos!

A capacidade de resistência que mobiliza a literatura é que nos coloca atentos aos seus movimentos. As narrativas literárias e sociológicas estão muito próximas na medida em que lidam com a fabulação e o imaginário humano. O sociólogo, para estar próximo da realidade, mobiliza dados e um universo empírico, munido de suas interrogações e hipóteses, delimitado por noções e conceitos. O escritor, por outro lado, cria seu universo ficcional, e a partir dali, mobiliza “situações, incidentes, personagens, figuras e figurações imaginárias”. Ambos tentam apreender a condição humana através da escrita. (IANNI, 1999, p. 39). Sendo que “a literatura prioriza figuras e figurações, ou metonímias, metáforas e alegorias, ou a compreensão; ao passo que as ciências sociais priorizam conceitos e leis, relações, processos e estruturas, nexos e tensões, ou a explicação”. (IANNI, 2003, p. 236).

Por que não perceber que na verdade, de diferentes maneiras, tentamos narrar a condição humana? Por que não pensarmos em aproximar docemente nossas fronteiras, não para enclausurar a literatura e nem mesmo querer apreendê-la em nossas redes conceituais, mas para respirar a liberdade que ela nos induz e seduz? Não podemos, entre compreensão e explicação, pensarmos numa implicação diante do que fazemos, lemos e escrevemos sobre os outros?

Pensar numa idéia de um romance da vida é, para nós, perceber que estamos implicados em nossa escrita, as palavras que escolhemos são antes de tudo de nossa própria escritura de vida, dela selecionamos o que queremos narrar. E só falamos do que nos cerca quando saímos de nossas abstrações e entendemos que sempre ficam linhas a ser preenchidas entre o saber social e nossas tentativas de leituras dentro do saber sociológico. Como não pensar na forma com a qual falamos sobre os outros, como não pensar em nossa escrita, se é através dela que desenhamos e tentamos dar formas aos rostos humanos? Indagaríamos então, junto com a escritora Rachel de Queiroz, o seguinte:

E o trabalho, este nosso trabalho de escrever? (...) tanta beleza que a gente sonhou, depois de posta no papel como ficou inexpressiva, barata, normal! Já dizia o velho Bilac: 'a palavra pesada abafa a idéia leve'- e não é mesmo? (...) Aquilo que você queria que saísse gracioso e saiu canhoto, e o que desejava poético e saiu enfático, e o que pretendia escorreito e claro e saiu amontoado, confuso, fatigante, chato. (QUEIROZ, 1989, p. 169).

### **À guisa de uma arqueologia do romance da vida social**

O pensamento contemporâneo tem aberto trilhas para refletirmos sobre uma *Arqueologia do saber*, nas ciências humanas - sociologia, psicologia e a análise da literatura e dos mitos, saberes que se diferenciam das ciências empíricas e da filosofia - (MACHADO, 1981, p. 141). Estamos falando, principalmente, da contribuição, para as ciências humanas, de Michel Foucault e Michel Maffesoli, o primeiro um filósofo, "intelectual artesão", (GUTTING, 1994), um "poeta do pensamento e um narrador teórico" (MOLINA, 1999). O segundo, um sociólogo-escritor, preocupado em contribuir para que tenhamos um pensamento sociológico reencantado com o mundo.

A arqueologia em Michel Foucault é um percurso entre as semelhanças e diferenças entre os saberes, um questionamento dentro de suas próprias discursividades sobre as condições que as definiram como um saber. A arqueologia neutraliza a própria questão da cientificidade, pois suspende também o conhecimento produzido pela ciência interrogando as condições de existência de formações discursivas.

O filósofo mostra-nos como, na Idade Moderna, a literatura surge, no cenário da linguagem, não como o que confirma, mas como o que compensa. Através dela, “brilha o ser da linguagem” no coração da cultura ocidental. Instiga-nos ainda que a literatura aparece como algo que merece ser pensado. (FOUCAULT, 1999, p. 59-60).

A literatura é subversiva diante da linguagem seja pelos signos culturais que (re) configura ou faz circular, seja pela experiência trágica que a possibilita e que ela favorece. A atuação da literatura começa quando a linguagem infinita dos deuses se cala, pois sua essência não é dada e sim refeita ou reinventada. Não podendo ser compreendida nem como fala do homem, nem de Deus, nem da natureza, mas como transgressão, repetição do já-dito da linguagem seja para recusá-lo, apagá-lo, profaná-lo. Ela é, para Foucault, “a reconfiguração, vertical, de signos que são dados na sociedade, na cultura, em camadas separadas”. (FOUCAULT, 2001, p. 167).

Enfim, esta se trata de:

Uma distância aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e jamais coberta; uma espécie de linguagem que oscila sobre si mesma, uma espécie de vibração imóvel. Na verdade, oscilação e vibração são palavras insuficientes e inadequadas porque sugerem dois pólos: a literatura seria, ao mesmo tempo, literatura, mas, também linguagem e haveria entre a literatura e a linguagem como que uma hesitação. (...) o que faz como que a literatura seja literatura, que a linguagem escrita em um livro seja literatura, é uma espécie de ritual prévio que traça o espaço da consagração das palavras. (FOUCAULT, 2001, p.142).

Os saberes não aparecem como uma exclusividade da ciência, eles perpassam também as instâncias literárias, filosóficas, enfim as artes de fazer-saber humanas, nas diversas maneiras de reflexões, ficções e narrativas. Em sua leitura da *Microfísica do Poder*, a “arqueologia” aparece como um método para a compreensão dessas discursividades e a “genealogia” como a tática para ativar esses saberes ditos locais ou “menores” diante da hierarquização científica.

Num outro desdobramento teórico, Foucault nos faz entender que a originalidade das ciências humanas não se deve ao fato delas estudarem o homem, pois este também é de interesse das ciências empíricas, ainda que em outras instâncias. O que as distingue é que não têm seu foco de abordagem nem no campo empírico, no qual se

avalia o que o homem é em sua natureza, e nem como ser transcendental, instância de interesse da filosofia. Estas estariam entre esses dois níveis de apropriação do homem num domínio de compreensão das representações elaboradas por esses mesmos seres humanos.

Essa idéia de representação se distingue da propriedade signíca da época clássica, que se baseava na relação entre o significante e o significado, concepção através das quais se desenvolveu os saberes da história natural, da análise das riquezas e da gramática geral, abordando os seres vivos, as necessidades e as riquezas. Um desdobramento infinito do signo sobre o que ele significa, uma eficácia natural, na qual o signo aparece como um elemento que é subtraído das coisas e constituído como representação pelo conhecimento. No entanto, no século XVIII, com a transformação desses saberes, esse modelo da representação foi questionado, pois na verdade:

As coisas escapam, em sua verdade fundamental, do espaço do quadro: em lugar de serem somente a constância que distribui segundo as mesmas formas suas representações, elas se enrolam sobre si mesmas, se dão um volume próprio, se definem um espaço interno que, para nossa representação, está no exterior (FOUCAULT apud MACHADO, 1981, p. 141).

O aparecimento de conhecimentos sintéticos e objetivos, como a biologia, a filologia e a economia estudando a vida, a linguagem e o trabalho, não elimina a existência da representação, o que ele possibilita são critérios de análise para as mesmas, uma nova “configuração do saber” não tomando as representações com um fim, mas como fio de investigação. O deslocamento das ciências humanas passa a ser a compreensão das representações que os homens fazem diante de suas práticas de viverem, trabalharem e falarem. Diante da representação clássica, buscam a apresentação das construções humanas. Dessa forma, as ciências humanas se fundamentam não somente por se referirem ao homem: “mas sempre que se analisam, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos”. (FOUCAULT apud MACHADO, 1981, p. 144-145; 147.)

Nesse ponto, Foucault está se referindo à psicologia e sua relação com o homem em termos de “função e norma”, à sociologia, na qual o homem aparece entre o “conflito e a regra”, e finalmente a literatura e aos mitos que se articulam entre a “significação” e o “sistema”. Essa será a trajetória arqueológica de seus empreendimentos analíti-

cos entre *as palavras e as coisas*, que aqui colhemos como pertinentes aos nossos passeios pelo saber.

Foucault parte de uma visão do poder para compreender os modos de subjetivação do ser humano, vendo que não há um poder centralizado, como também não há um movimento único para as transgressões, elas compõem um recital de ações móveis e desiguais. Assim, não podemos falar de uma “liberdade, unívoca e abstrata”, mas de “práticas de liberdades intersticiais”. “O mesmo ocorre com a Utopia, que dá lugar às pequenas utopias vividas”. (MAFFESOLI, 2004, p.152).

A partir dessa “arte da luta”, no pensamento de Michel Foucault, é que Michel Maffesoli aparece pontuando as liberdades dos sujeitos, suas resistências diante do social instituído, micro-liberdades que contornam as sociabilidades (funções sociais ou o social instituído), fundando “socialidades”, que são os nomadismos vividos socialmente, as máscaras que circulam nos bastidores da vida, uma trilha para compreendermos a “poética da existência humana”, que se dá diante dos cárceres sociais e culturais e o desejo humano de superar e recriar esses mesmos limites. O sociólogo francês nos lembra que:

Os historiadores da arte têm o costume de fazer uma distinção entre a cor e a linha na análise das grandes obras pictóricas. De uma maneira analógica, direi que se fica muito atento à linha das pequenas obras sociais no que ela tem de mais duro, de definido, de desenho preciso, e esquece-se, muitas vezes, a cor, muito mais difusa, suave, indefinida (MAFFESOLI, 1996, p. 59).

Vemos o brotar de uma prosa do romance da socialidade dentro dos jardins das ciências sociais, pois essas cores difusas são realmente o que dão sentido à vida social e fundamentam nossas interpretações no campo dessas mesmas ciências sociais. Maffesoli nos instiga a encontrarmos um *modus operandi* que interligue o inteligível e o sensível. Aponta que o que instiga um “pensamento poético” é um pensar (latim *pensare*: julgar e pesar) o que é humano em sua “interidade”. (MAFFESOLI, 2003, p.157). Ousar antes a apresentação das coisas do que o abrigo das representações. Farejar os sinais de uma “arqueologia da socialidade”, ou seja, as práticas subterrâneas que são transgressões, muitas vezes silenciosas, no traçar das linhas das narrativas da cultura, que não é: “Apenas um horizonte racional, ela envolve afetos, é encarnada e, portanto, integra todos os elementos dessa encarnação. Inclusive o aspecto perecível da carne!”. (MAFFESOLI, 2004, p.128).

Diante dos passos do “romance da socialidade” abrem-se os labirintos da vida social que se constroem para além da clareza e da argumentação lógica. A partir dessa perspectiva teórica é que pensamos ser possível aproximar romance e teoria em busca das narrativas humanas, como refletir sobre o que elaboramos nas ciências sociais a partir dos movimentos da arte literária.

A obra de arte não representa e sim “presentifica”, torna presente materiais discursivos. A forma que a reveste não é um mero veículo para o conteúdo, toma corpo, tem movimentos próprios que possibilitam o jorrar de poses com as pegadas da leitura. “O ponto de partida das teorias críticas é desconstruir a veracidade do discurso e apontar que nas imagens são apresentadas outras formas e outras questões”. (SOUSA, 2004). Encontramos na crítica benjaminiana que:

A obra de arte não pode ser abordada como se fosse um mero documento. (...) Conteúdo e forma se fundem num todo complexo, no qual ‘a lei da forma é central’. No documento, ao contrário, o conteúdo predomina e a forma é “acrescentada”, é trazida para o texto como “complemento”, aos pedaços. (KONDER, 1988, p. 39-40).

Na literatura, a obra é vista como um “transbordamento da realidade” num choque constante de contradições. Oferece-nos um “aprendizado figurativo”, (RESENDE, 1994, p. 30; 32) que não pode deixar de inserir uma obra em “contextos sociais vivos”. A ficção desvela, na fantasia ou no plano do imaginário, a realidade. Em suma:

A literatura supõe equívocos, ilusões, mitos. Sala de edição. Visa-se à coisa imaginária. O mundo: astúcia e representação alucinante. Nomear: ofício de loucos. A narrativa contemporânea se processa sobre esse reconhecimento. Opera sobre pontos imaginários recriando a cena, o espetáculo (SOUSA, 1993, p. 82).

Sendo assim, faz-nos percorrer estrategicamente o texto social, aprimora-nos no questionamento da “ambiência social” que nos perpassa e se naturaliza, através do nível simbólico, fazendo com que a sociedade “respire e transpire representações”. (COSTA LIMA, 1980). E é nessa dimensão simbólica que a dimensão poética se insere e, mais do que isso:

A obra poética não se pode considerar realizada, a não ser no estrito sentido material, senão ao ser acolhida pelo leitor. Em si mesma, em sua textualidade, a obra é apenas um quadro de indicações que só se ativam pela participação ativa do leitor. (...) a

produção ativa do leitor torna o esquema da obra em representação de realidades diversas, de acordo com a ativação que dele faz. Se, portanto, a obra poética tem a desvantagem, face ao discurso pragmático, de não apontar diretamente para a realidade, não dando assim condições para uma atuação de conseqüências palpáveis, tem, por outro lado, a vantagem de permitir a representação de múltiplas e variadas realidades, que interferirão – e não serão apenas condicionadas - em sua postura perante o mundo. (COSTA LIMA, 1980, p. 77-78).

A partir dessa leitura sobre o que seja uma obra é que consideramos a obra literária como um sopro da vida social, é que vamos desdobrando esta idéia de que “em toda verdadeira obra de arte há o lugar onde, para aquele que ali se instala, sopra um vento fresco como o de uma aurora vindoura”. (BENJAMIN, 1997, p.77). Sopro que romanceia a realidade e que faz com que os olhos que contemplam também sejam olhos ardentes de poesia!

Quando falamos em romancear a realidade aludimos à metáfora de Michel Maffesoli de que é preciso buscar “o romance da socialidade” (MAFFESOLI, 1996, p. 59), ou seja, é preciso um esforço do pesquisador para caminhar para além das formatações do pensamento e das trilhas já por demais conhecidas na compreensão social. É necessário percorrer os contornos do que dá sentido à vida social, estar atento para compreender o movimento subterrâneo das micro-liberdades cotidianas. Por isso, seguimos os romances. Mas será que há pertinência em associar a idéia do romance com a interpretação da vida social?

Pensamos que sim, pois vivemos numa era de passos incertos e de profundas inquietações diante do existente. Uma época diante da qual, aturdidos, tentamos viver, contemplar e lançar nossas interpretações sobre a vida social. Talvez: “Por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações, das servidões que atravessam tantas palavras em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades.”(FOUCAULT, 1971).

De acordo com Walter Benjamin, o romance surge no que se denomina como “período moderno”, tendo como primeiro grande livro do gênero: *Dom Quixote*. Esta obra “mostra como a grandeza de alma, a coragem e a generosidade de um dos mais nobres heróis da literatura são totalmente refratárias ao conselho e não contêm a menor centelha de sabedoria”. (BENJAMIN, 1993, p. 201).

O fato da obra não ressaltar “a menor centelha de sabedoria” leva-nos a compreender que a análise do romance em Benjamin surge dentro de sua construção sobre o narrador. A narração seria impulsionada pela experiência, um contar que passa de pessoa para pessoa visando a uma formação ou ao ato de transmitir conselhos. Mas, essa análise, em seu pensamento, não deixa de ter um tom melancólico, próprio dos “teóricos marcados por um desencantamento do mundo”. (GAGNEBIN, 1999, p. 55). Melancolia por ver uma transformação nas narrativas humanas, por ocorrer uma fratura nessa arte de narrar movida pela memória, pelas palavras e práticas sociais partilhadas coletivamente. O narrador da tradição para Benjamin:

É o homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade - está em extinção. (BENJAMIN, 1993, p. 200).

O que separa o romance da narrativa tradicional, em Benjamin, é o fato dele se distinguir de todas as outras formas de prosa – conto de fadas, lendas, novelas e da própria arte de narrar. Como também pelo fato de nem proceder da tradição oral e nem a nutrir. No entanto, fazemos a ressalva de que isso não seja tomado rigorosamente, mas como caráter analítico. Sendo assim, se o narrador retira seus relatos da experiência que adquiriu e dos que o cercam, o romancista vai se caracterizar por seu isolamento, e por: “Não mais poder falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes”, não mais recebe “conselhos e nem sabe dá-los”. Dessa maneira, “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive”. (BENJAMIN, 1993, p. 201). O romance nos interessa por ser uma “prosa da realidade”, em seu sentido moderno:

Supõe uma sociedade prosaicamente organizada, no meio da qual ele procura, tanto quanto possível, restituir à poesia os seus direitos perdidos, ao mesmo tempo quanto à vivacidade dos acontecimentos, à das personagens e do seu destino. Por isso, um dos conflitos mais freqüentes e que mais convêm ao romance

é o conflito entre a poesia do coração e a prosa das relações sociais e do acaso das circunstâncias. (HEGEL apud ZÉRAFFA, 1974, p. 9).

Atentos à percepção de uma transfiguração da própria leitura incorporamos aqui a contribuição de uma arte da leitura dos romances, visto que:

Nem todos os livros se lêem da mesma maneira. Romances (...) existem para serem devorados. Lê-los é uma volúpia da incorporação. (...) Ora, sem dúvida existe um alimento cru da experiência – exatamente como existe um alimento cru do estômago -, ou seja: experiências no próprio corpo. Mas a arte do romance como a arte da culinária só começa além do produto cru. E quantas substâncias nutritivas existem que, no estado cru, são indigestas! Sobre quantas vivências é aconselhável ler para tê-las, heim? (...) Em suma, se há uma musa do romance – ela traz os emblemas que pertencem à fada da cozinha. Eleva o mundo de seu estado cru para produzir seu algo comestível, para fazê-lo adquirir seu paladar. Ao comer, se for preciso, leia-se jornal. Mas jamais um romance. São obrigações que se excluem. (BENJAMIN, 1994, p. 275).

As discussões em torno da relação entre as ciências sociais e a literatura têm perpassado as áreas do conhecimento e delas podemos trazer diversas nuances que se aproximam das reflexões que esboçamos. Evidenciamos o quanto, na busca das narrativas humanas, as formas da prosa se encontram e se complementam.

Na antropologia esse encontro com a literatura se dá pela própria essência de relativização que norteia a elaboração desse saber. Atualmente, James Clifford, professor do Programa de História da Consciência da Universidade da Califórnia tem sido um dos autores interessados em percorrer as móveis fronteiras entre a história da antropologia e a literatura. Em sua perspectiva, “a dimensão literária do discurso etnográfico deixa de ser considerada apenas como um ornamento dispensável, passando a desempenhar o papel constitutivo nesse discurso”. (LUSTOSA, s/d). Repensa a própria idéia da autoridade e dos relatos etnográficos, vendo-os como um campo de tensões e ambigüidades. O que dá especificidade para as análises de Clifford é a “concentração de seu foco nessa área indeterminada entre a linguagem e a experiência etnográfica”.

Todavia, essa postura do saber antropológico já é percebida

como imprescindível em François Laplantine. Em suas palavras:

O antropólogo, que realiza uma experiência nascida do encontro do outro, atuando como uma metamorfose de si, é freqüentemente levado a procurar formas narrativas (romanescas, poéticas e, mais recentemente, cinematográfica) capazes de expressar e transmitir o mais exatamente possível essa experiência. (LAPLANTINE, 1995, p. 174).

Uma relação estreita entre a etnologia se dá, para este autor, devido à relação dessas narrativas com a viagem. Ele cita autores como Baudelaire, Artaud, Gide, entre outros, para exemplificar como para estes escritores o próprio ato de escrever já se revela como um deslocamento. A importância da narrativa literária para a antropologia se daria por seguirem vias diferentes, mas terem parte em uma mesma matéria-prima: o humano. E por ser apenas uma das maneiras de viver, apenas uma das artes de escrever. Além disso, ambas têm um profundo interesse pelo detalhe, para os pequenos fatos que compõem os enredos humanos. A própria relativização na *contemplação do mundo* é um outro fator de afinidade. A própria lógica do romance:

Supõe a pluralidade dos personagens, como a lógica da etnologia supõe a pluralidade das sociedades, e, em ambos os casos, essa pluralidade é irredutível à identidade. (...) No romance tanto quanto na etnologia, renuncia-se à idéia de que a realidade possa ser apreendida em si, mas, mais modestamente, sempre a partir de um ponto de vista. Em ambos os casos, para o etnólogo, como para o romancista, coloca-se o problema dos limites que se deve impor ao olhar. Ou seja, o ponto de vista esforça-se em ser total, sem nunca ser absoluto. Essa abordagem, deliberadamente (...) é (sic) portanto claramente antitotalitária. (LAPLANTINE, 1995, p. 180-181).

Lembrando de Gilberto Freyre ele afirma: “O limite que separa essa etnologia romanceada, qualificada precisamente de *romance etnológico*, do romance propriamente dito, a literatura da ciência (...) é às vezes extremamente tênue”. (LAPLANTINE, 1995, p. 174).

Seguindo essa trilha de “coabitação das linguagens”, podemos encontrar no próprio Gilberto Freyre essa relação com a literatura. Num texto intitulado: “De como e porque sou e não sou sociólogo”, ele diz: “O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador, são em mim anclares do escritor. Se bom ou mau escritor é

outro assunto”. Por meio dessa afirmação, ele apresenta o tempero de sua escrita, recheada de improvisos e “liberdade poética”:

Sou escritor – ou um constante aprendiz de escritor – que nas suas tentativas de captar e interpretar aspectos situados da condição humana, em geral, através da do homem tropical, especialmente da do brasileiro, em particular vem procurando captá-los e interpretá-los por meio de várias perspectivas, por vezes simultâneas. Daí o confuso, o desordenado, o descontínuo que têm encontrado em meus trabalhos certos críticos literários. Talvez daí, a incompreensão, da parte de uns tantos outros, do que vem sendo, nesses trabalhos, o emprego de perspectivas científicas ao lado das humanistas, além de repetições e, desordens na expressão e na fixação, possivelmente literária, dessas perspectivas por vezes simultâneas: expressão que daria a esses trabalhos, segundo alguns críticos, categoria artística ou qualidade poética e, segundo outros, os reduziria a um amontoado caótico de imagens, nem verdadeiramente científicas, nem literariamente sugestivas. (FREYRE, 1968).

Podemos encontrar em Freyre os inquietos passos de um pesquisador passeador, que procurou uma escrita mais artística do que científica, que tem em sua obra um interesse vivo pela literatura. (VENTURA, 2001). Escreveu perfis de escritores como, José de Alencar, Euclides da Cunha. Também escreveu poemas e obras ficcionais. Diante de seu pluralismo, quando buscamos o sociólogo encontramos o escritor, e quando pensamos estar diante do escritor nos deparamos com o sociólogo, como afirma Antônio Cândido. Inspirou-se em obras literárias como os romances históricos dos irmãos Goncourt, que trabalhavam com a articulação da história íntima de um povo como um verdadeiro romance; tem marcas também de Marcel Proust. Traz ainda semelhanças dos romancistas franceses, como Balzac (*Comédia Humana*) e Émile Zola quando estes constituem suas narrações com fortes traços dos historiadores sociais.

Enfim, seduziu seus leitores pela linguagem, para *além do bem e do mal*. Trazendo na escrita não uma marca conclusiva, mas o sabor do ensaio, que segundo Roberto Ventura o põe na tradição dos grandes ensaístas europeus que leu como: Pascal e Montaigne, Francis Bacon, Walter Pater e Arnold Bennet. Foi ainda leitor dos espanhóis: Ganivet, Unamuno, Baroja, Ortega e Grasset e dos ensaístas místicos João da Cruz e Teresa D’Ávila, presenças marcantes em sua escrita que traz as nuances de suas faces de cientista social e literato, que

oscila entre as áreas do saber. Sobre isso, ele mesmo ressalta:

A minha principal área eu nem sei qual é. Eu sou um grande escritor, servido por um saber sociológico, antropológico, histórico, mas o que me dá realmente o máximo de expressão, o que atua nesse meu âmbito de criatividade, é a minha combinação de ciência com arte e a arte de expressão artística (FREYRE apud VENTURA, 2001).

Em outro campo do saber, na psicanálise, essa relação com a literatura seria possível ao se reconhecer a antecedência da arte em sua transfiguração de tudo o que é humano. Além disso, as obras seriam importantes como saberes, relatos que nos questionam, uma outra forma de linguagem que revelaria com os sonhos e os mitos as “narrativas invisíveis da cultura”. “Os romances têm em si um senso intuitivo dos processos inconscientes, eles interessam pelo o que têm de universal”. (FLORENCE, 2004).

A metáfora na literatura habitua-nos a olhar as ações humanas e a própria vida sem tentar demarcá-las, é como se fosse:

uma versão abreviada, dentro de uma frase singular, da complexa interação de significações que caracterizam a obra literária como um todo. Em suma, a literatura é o uso do discurso em que várias coisas se especificam ao mesmo tempo e onde o leitor não é obrigado a escolher entre elas. É o uso positivo ou produtivo da ambigüidade. (REIS, 2000, p. 138).

Com a idéia de pensar o mundo como um texto, Ria Lemaire aponta, na historiografia, a história como uma ficção controlada e indaga: Seria possível ler a história como se fosse literatura e perceber na literatura a história que se escreve? A seu ver, o entrelaçamento dessas discursividades se deu, sobretudo, através do questionamento epistemológico do saber historiográfico. Tanto a narrativa literária quanto a historiografia lapidam uma reconstrução da sociedade, esforçam-se para dar-lhe uma coerência imaginária diante do passado. Elas:

Reconfiguram um passado. Trata-se no caso, da história, de uma reconfiguração ‘autorizada’, circunscrita pelos dados fornecidos pelo passado (as fontes), pela preocupação da investigação sobre os documentos, pelos critérios e exigências do método. A literatura, ao contrário, permite que o imaginário levante vôo mais e amplamente, que ele fuja, numa certa medida, aos condicionamentos impostos pela exigência da verificação das fontes. (LEMAIRE, 2000).

Suas leituras se distinguem por a literatura incitar a identificação, enquanto que a história trabalha com uma distância crítica diante do leitor e do passado. No entanto, ambas envolvem entre suas mãos os laços das memórias, das narrações e dos discursos.

Esforçamo-nos por esboçar a pertinente relação entre as ciências sociais e a literatura, perscrutando nas entrelinhas que trazem da cultura o que vai arquitetando as narrativas humanas em suas teatralidades e criações. Pensamos poder adentrar na trilha subterrânea do “romance da socialidade”, através de um deslocamento de saberes numa aventura arqueológica. Essa relação é tida em alguns momentos como já resolvida, mas pensamos que não é bem assim, acreditar nisso é cair nas armadilhas discursivas. Preferimos pensar que existem “partilhas” silenciosas entre os saberes nos rituais que os consagram no cotidiano acadêmico, ou melhor:

Basta pensar em tudo isso para suspeitar que a partilha, longe de ter apagado, se exerce de outra maneira, através de linhas diferentes, por intermédios de novas instituições e com efeitos que não são já os mesmos. (...) é (...) a partir da censura que se exerce a escuta. Escuta de um discurso que é investido pelo desejo, e que se julga a si mesmo- possuído de terríveis poderes. Se para curar os monstros é necessário o silêncio da razão, basta que ele se mantenha alerta e a partilha permanece. (FOUCAULT, 1970, p. 2-3).

Não há como negar o quanto o cientista social precisa se transfigurar em poeta para acompanhar o compasso da vida social, claro que se quiser perceber as tragicidades e a criação que percorrem as ações humanas. Essa trilha nem por isso deixa de ser também solitária: seguir rastros invisíveis, tocar o avesso do conhecimento, habituar-se às fronteiras tendo nos olhos e nas interpretações a expressão fugidia delas!

**ABSTRACT:** The novelist as the theoretical look for the essential elements that mark the human relationships to transform in writing. Through the idea of thinking a romance of the social life, we sought an approach with the relationships of dominance of the social and cultural order and the resistances in the human actions. Through the interaction between the social sciences and the literary knowledge we question our knowledge productions and try also to find new roads for our work and other forms to the constructions of our researches.

**KEY WORDS:** romance of the social life, social sciences and literature

## Referências

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas; v. I).
- \_\_\_\_\_. Ler Romances. In: *Rua de Mão Única*. 4ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.II).
- \_\_\_\_\_. O Trabalho das Passagens. *Cadernos de Filosofia Alemã*. 3, pp. 69-77, 1997.
- COSTA LIMA, Luiz. O Questionamento das Sombras: Mímesis na Modernidade. In: *Mímese e Modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: Gênese de uma nova crítica. In: *A Trama do Arquivo*. MIRANDA, Wander Melo (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.
- FLORENCE, Jean. Conferência: *Antropologia e Psicanálise*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes- CCHLA, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais & Núcleo Psicanalítico de Natal. Natal- Rn, 12. Ago. 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso. (L'Ordre du Discours, Leçon Inaugurale. Collège de France prononcé le 2 décembre 1970)*. Disponível em: < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/> Acesso: 29 de Abri. 2005. Tradução de Edmundo Cordeiro e Antônio Bento.
- \_\_\_\_\_. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In: DREYFUS H. et. RABINOW P. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Paris, Gallimard, 1984, p. 297-321. Disponível em: <<http://www.neves.paginas.sapo.pt/foucault.html>> Acesso: 12 de Jun. 2005. Tradução de José Pinheiro Neves.
- \_\_\_\_\_. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e Literatura. In: *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed. UNB, 1968.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Não Contar Mais? In: *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- GUTTING, Gary. *The Cambridge Companion to Michel Foucault*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1994.
- IANNI, Octávio. Sociologia e Literatura. In: *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Enigmas da Modernidade- Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Silva, Cristina Maria da. O romance da vida social: encontros entre ciências sociais e literatura

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LAPLANTINE, François. Antropologia e Literatura. In: *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

LEMAIRE, Ria. O Mundo feito Texto. In: *Pelas Margens: Outros Caminhos da História e da Literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. Unicamp, Ed. UFRGS, 2000.

LUSTOSA, Isabel. Clifford põe em questão a etnografia. Disponível em: <[http://www.casarui Barbosa.gov.br/isabel\\_lustosa/artigos/resenhas/mainisabelclifford.htm](http://www.casarui Barbosa.gov.br/isabel_lustosa/artigos/resenhas/mainisabelclifford.htm)> Acesso em: 27. Out. 2002.

MACHADO, Roberto. A História Arqueológica de Michel Foucault: uma arqueologia do saber. In: *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003

\_\_\_\_\_. *A Parte do Diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOLINA, Daniel. *O Filósofo que se Atreveu a Tudo*. (El filósofo que se atrevió a todo. Publicado en Buenos Aires: Clarín, Sección "Cultura Y Nación" en 25 de abril de 1999. (Tradução de Wanderson Flor do Nascimento). Disponível em: < [http://www.ufsm.br/corpus/grupo\\_estudo/foucault.htm](http://www.ufsm.br/corpus/grupo_estudo/foucault.htm) > . Acesso em: 28. Ago. 2004.

QUEIROZ, Rachel de. O Avesso. (Set. 1953). 100 Crônicas Escolhidas. In: *100 Crônicas Escolhidas; O Caçador de Tatu: crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Obra reunida; v.4).

RESENDE, André Luís. Entrelinhas de uma tal crítica: (Walter Benjamin e a Crítica Literária). In: ZAIDAN, Michel (Org.). "*Walter Benjamin*", Editora Universitária - UFPE, Recife, 1994.

RAVETTI, Graciela. Performances escritas: o diáfano e o opaco da experiência. In: HILDEBRANDO, Antônio et. al. *Corpo em Performance: imagens, texto, palavra*. Belo Horizonte, NELAP/FALE/UFMG, 2003.

REIS, Alberto Olavo A. Desamparo e realidade. In: *Psychê: revista de psicanálise*. – ano IV, n. 6 (nov. 2000). São Paulo: Unimarco Editora, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19ª.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOUSA, Ilza Matias. Celebrações do Outro. In: *Arte Amorosa e Devoração Literária*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1993.

\_\_\_\_\_. O Século de Guimarães Rosa. In: *Café Filosófico*. Bauchwitz, Oscar F. (org). Natal (RN): Argos, 2001.

\_\_\_\_\_. Maio de 2004. Notas do Curso Teorias Críticas Literárias. Programa

Silva, Cristina Maria da. O romance da vida social: encontros entre ciências sociais e literatura

de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN.

VENTURA, Roberto. *Casa-Grande & Senzala*: Ensaio ou Autobiografia. Seminário de Tropicologia: o Brasil e o século XXI desafios e perspectivas, 2001, Recife. Disponível em: <[www.tropicologia.org.br/conferencia/2001casa\\_grande.html](http://www.tropicologia.org.br/conferencia/2001casa_grande.html)>. Acesso em: 31 de janeiro de 2003.

WOOLF, Virgínia, *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ZAIDAN, Michel (Org.). "Walter Benjamin", Editora Universitária - UFPE, Recife, 1994.

ZÉRAFFA, Michel. *Romance e Sociedade*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.